

A ILLUSTRAÇÃO

PARIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: 13, QUAI VOLTAIRE

Direcção das peças de antiguedades e novas
andam: em Portugal em Mr. DAVID CORAZZI, 12, rue
da Alfândega, Lisboa; e no Brasil, av. São José de
Mello, 38, rua da Quitanda, Rio de Janeiro.

Prix da revista à Parigi, 1 franc.

7.º ANNO. — VOLUME VII. — N.º 6

PARIS, 20 D'ABRIL DE 1890

Gerente em Portugal e Brasil: DAVID CORAZZI.

PORUGAL.

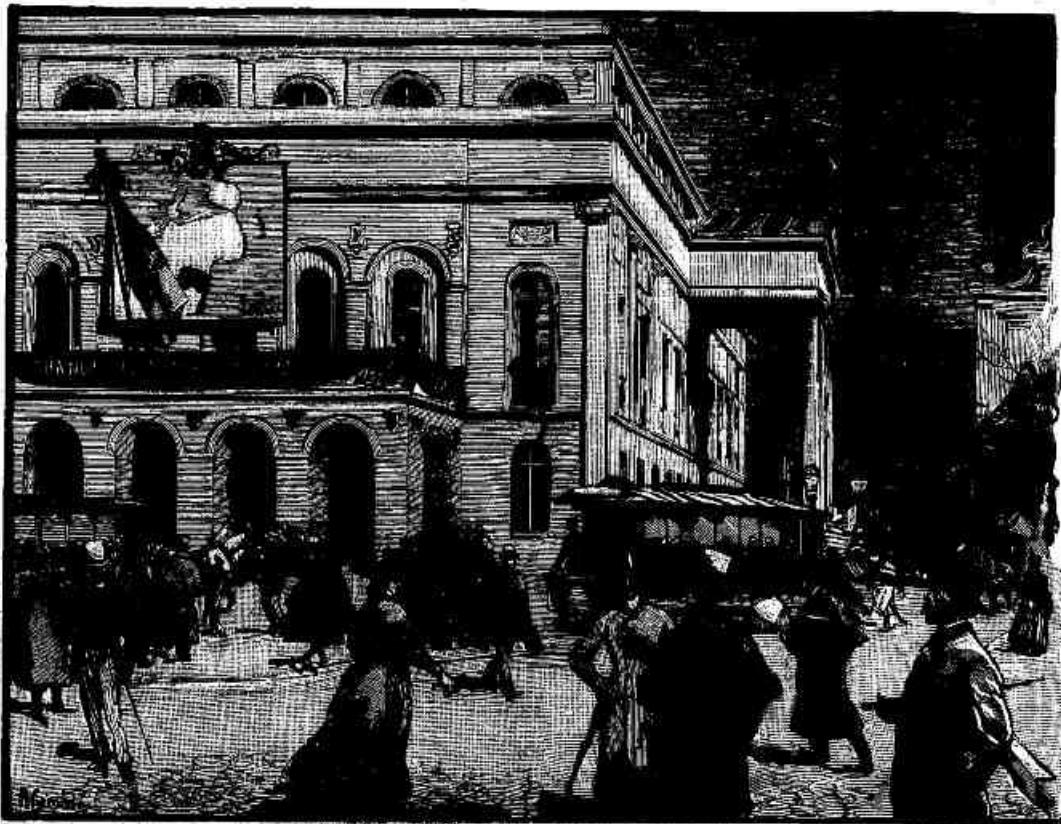
DAVID CORAZZI, 42, RUA DA ATALAIA, LISBOA

ASSIGNATURAS:

ANNO.....	3.400 REIS
SEMESTRE.....	1.500 —
TRIMESTRE.....	600 —
AULSO.....	100 —



JORNAL E JORNALISTAS. — O SÉCULO, REDATOR PRINCIPAL MAGALHÃES LIMA.



LISBOA. — ASPECTO DO THEATRO DE D. MARIA ONDE FUNCIONA A COMISSÃO DA GRANDE SUBSCRIÇÃO NACIONAL.



CHRONICA

A LIBERDADE D'IMPRENSA

(SISTEMA PALESTRA)

NUNCA pensei, ao escrever a chronica do passado numero da *Ilustração*, que o actual governo resolvesse atentiar contra a liberdade d'imprensa, pelo modo porque o fez, tratando os jornalistas com a mesma semcerimonia com que a polícia costuma tratar os ladrões e os assassinos. E surpreende-me tanto mais esta arrogancia dictatorial, com seus ares de golpe d'Estado, quanto á frente do actual ministerio se encontra um estadista que toda a sua vida fez gloria de tambem pertencer à classe dos plumbitivos. Mas pelo que vejo, o Poder é um vinho endiabrado que sobe á cabeça dos homens ainda os de mais tino e de mais fina educação liberal. N'este estadio de embriaguez se encontra hoje o sr. Serpa Pimentel! O gabinete que S. Ex.^a preside pode autorizar á vontade a imprensa; prohibir por todos os modos o exercício da livre critica e da plena liberdade de pensamento; mandar prender, julgar, condenar a seis meses de cadeia, arruinar com multas de 500\$000 réis, todos quantos praticarem o crime de escrever a palavra *República* e desvirtuar as origens da decadencia da Monarchia Constitucional em Portugal. Nem por isso esse gabinete deixará de ser o alvo das criticas mais acerbas da imprensa europeia; e a Monarchia portuguesa verá todos os dias aumentar o grupo dos *descontentes*, caminhando precipitadamente para a revolução...

Bem sei que estou empregando palavras excessivamente graves, que talvez surpreendam uma parte dos meus leitores. Mas chegou o momento em que é preciso definir nitidamente as nossas posições, attendendo a que entrámos n'un periodo de excesso e mesmo d'abuso d'Autoridade, procurando diminuir e estrangular as liberdades que constituem o nosso património moral.

Na minha ultima chronica pedia á nova lei:

- 1.^a Que fizesse respeitar o Chefe do Estado;
- 2.^a Que castigasse todos os crimes de rebelião, todos quantos excitam os milhares a que entrem na luta dos partidos;
- 3.^a Que fosse inexorável para todo o artigo anomyno em que se atacassom os homens e as instituições.

Eram estes tres artigos que precisavam ser seriamente estudados, para bem de todos quantos prezam o jornalismo, para bem dos verdadeiros jornalistas, liberais e democraticos, que soffrem com a invasão na imprensa do bando dos especuladores, dos aventureiros e dos insultadores de profissão.

Mas em vez d'uma lei sabiamente meditada, que comprehendesse qual é a missão da imprensa no organismo político e social d'un paiz; d'uma lei que procurasse apenas pôr um termo a certas liberdades de linguagem que nós herdámos, por mal de nossos peccados, da monarchia bonacheirona do sr. D. Luiz I, dessa monarchia que nos levou a esta desmoralização política em que agonisamos; d'um lei que permitisse á Crítica levantar a cabeça e entrar na luta politica, pondo o insulto fóra do campo: — que nos deu o governo?...

Uma lei ridicula e odiosa, uma lei comica e autocratica, que jámais poderá pôr-se em prática

entre nós, como a famosa lei que condena os atentados contra a Religião, e de que também é autor o sr. Lopo Vaz. O governo deu-nos uma lei que o gabinete que suceder ao sr. Serpa terá fatalmente de revogar; e se o Chefe do Estado assinar esse decreto, é uma capitulação em regra; se se recusar a assinal-o, entra em lueu com a nação; se deixa que esta lei se torne letra morta, é uma transigencia não menos delicada para um reinado que começa com tamanhas dificuldades internas e externas.

Em qualquer dos casos, a nova lei contra a imprensa só conduz a um resultado fatal — a mais um embargo para a Monarchia, que pouco a pouco se está divorciando da nação.

Vamos entrar n'un periodo de perseguições e de terror. A nova lei deixa os jornais e os jornalistas, assim como os editores e os donos de typographies, à mercê dos srs. agentes do ministerio publico, ameaçando estes, quando mostrem negligencia, de suspensão do exercicio e vencimentos por um até trez meses, isto seguido de queixa (participação) para a secretaria dos negócios de justicia.

O que é que a nova lei pretende coibir, e o que é que se confia á vigilancia e intelligencia dos tais agentes do ministerio publico?..

1^a — As offensas ao sistema monarchico-representativo.

2^a — As offensas ao Rei e familia real.

3^a — As offensas a qualquer autoridade ou empregado publico, ou a qualquer membro do exercicio ou da armada, ou a qualquer membro das camaras legislativas.

De modo que o Sistema monarchico-representativo, o Deputado de Manguide, o Governador civil de Leiria, o corneta do caçadores, o Administrador de Cintra, e mais expressões e personagens da machine politica e administrativa, são tão inviolaveis como o Rei, como o Chefe do Estado!..

E quando um galopim eleitoral, feito administrador de concelho ou deputado, passar a incomodar a sociedade com a sua audacia, a sua corrupção e a sua imbecilidade, a imprensa terá de guardar para com esse intruso que passa triunfante e insolente pela politica, o mesmo respeito e a mesma deferencia que é de boa educação guardar diante da pessoa irresponsavel d'un Rei ou d'un Presidente de Republica.

E voltamos ao mesmo delito da lei anterior, que eu puze em relevo na ultima chronica, que é ter de escolher entre dois perigos — mais vale gozar da fama de partir em guerra contra o Rei, e de soffrir as consequencias de semelhante audacia, do que partir em guerra contra um simples e vulgar deputado.

Mas o perigo, não para nós jornalistas, mas para a Monarchia que cada dia ha de ver aumentar o numero das antipathias com a publicação d'esta lei, está principalmente na dificuldade para um agente do ministerio publico de poder determinar onde acaba a critica, e onde começa a offensa. D'equi, uma infinitade de processos, cada qual mais odioso, suscitando uma infinitade de complicações.

Estabelecer um paralelo entre a Monarchia-constitucional e a Republica, ou a Comuna, ou a Anarchia, mostrando as vantagens d'estes tres sistemas de governo, e mostrando os desastres, as injusticas e as immoralidades a que conduzem as monarchias, e como acabam sempre ensanguentadas (Carlos X e Luiz-Philippe) — é uma critica, ou é uma offensa?...

E' uma e outra cousa, conforme a intelligença, a educação critica e historica, o ponto de vista, o espírito liberal, conservador ou reacionario, do agente do ministerio publico.

E uma critica do sistema monarchico-cons-

titucional, sob um ponto de vista republicano, comunista, anarchista, ou socialista, que eu publique n'un jornal de Lisboa e faça reproduzir n'un jornal do Porto, pode ser lida com favor e sympathia pelo agente do ministerio publico em Lisboa, sem mesmo pela imaginacão lhe passar a ideia de me meter em processo; — e pode-me valer cadeia e multa atendendo a que as minhas theorias não são do agrado do agente no Porto!...

Estas reflexões que a nova lei me está sugerindo, podem-me tambem levar direitinho ao Limoeiro, attendendo a que a lei do dia 8 de abril de 1890 é, nem mais nem menos, do que a proclamação da absoluta infallibilidade da Monarchia constitucional sobre todas as outras formas de governo, ensaiadas e por ensaiar, correndo os hereticos portuguezes todos os riscos penitenciarios e monetarios que se podem razoavelmente correr no anno de 1890, sem offensa, não das liberdades portuguezas, mas do espírito de humanidade e de liberalismo que domina a Europa... exceptão feita da Russia.

Um geographo sufficientemente patusco disse um dia que o reino de Portugal ficava em Africa... Para lá vamos caminhando! Se o actual gabinete continua por muito tempo a imaginar-se o único sustentaculo da Realeza, ainda nos deita novo decreto para jornalistas, à maneira do que faz o rei de Dahome com os prisioneiros. Mette-os, o rei preto, um por um, em cestos, apenas com as cabeças de fóra, como creanças dentro d'un berço. Depois, atira-os do alto do palacio para a praça publica, e são os conselheiros, os grandes da corte, os generaes, e as amazonas do seu estado-maior, que se divertem degolando-os, quando ainda os cestos veem pelo ar...

Lisboa, que tem tanta falta de espectaculos populares que edifiquem, devia pedir ao governo que puzesse este em practica. O Chefe do Estado atirava com os jornalistas das janelas do paço para o meio da rua, e o ministerio, grandes da corte e mais dictadores, iam-lhes cortando as cabeças, ou maulando-os a tiro.

Já temos o tiro aos pombos. Passavamo a ter tambem o tiro aos jornalistas!...

E vejam o que são os destinos e os fados adversos! Ainda no dia 7 de abril esta chronica seria considerada pela lei, como escrito inofensivo. E pela lei do dia 8, qualquer agente do ministerio publico pode hoje meter-me em processo, attendendo a que « recorre a allegorias de pessoas ou paizes e a figuras para evitar a responsabilidade juridica » (art. 5.^a § 5.^a), isto com o propósito de desacreditar as instituições, ofender o Rei e os seus ministros!...

E aqui estú como uma pessoa se deita hoje sozinha, absolutamente inocente perante a lei, para acordar no dia seguinte a caminho da polícia correccional...

E que me dizem os senhores ao artigo 11.^a da nova lei?...

Serão punidas como ultraje publico á moral as publicações de qualquer natureza que contêm palavras, photographs, phototypias, lithographies ou gravuras obscenas, ou que se possam considerar offensivas dos bons costumes, ou como incitamento a actos deshonestos. *

Vamos por partes.

Em primeiro lugar, deprehende-se da enumeração das reproduções obscenas, que não se não punidas as photoglyptias, as planotypias, as zincographies, os chromos e outros processos de reprodução que o gabinete actual ainda ignora, apesar de ter criado um ministerio de bellas-artes!...

Em seguida precisamos que o governo mande publicar no *Diário* uma lista das palavras que o governo considera como *obscenas*, e que é desejoso imprimir, assim como uma lista dos assuntos de que os poetas, romancistas e contistas se não podem servir, sem risco de correção, censura e multa.

Quanto às palavras que possam considerar-se ofensivas dos bons costumes, pelos actos que imediatamente sugerem no espírito do leitor, o numero é incalculável. Por exemplo: — *Adulterio, concubinagem, estupro, incesto, etc.* E então nomes proprios?... *Judas, Miguel de Vasconcellos, Aspasia, Messalina, Dom Juan, João Brando, etc.*

São ou não são palavras criminosas?...

Quanto às palavras que sejam um incitamento a actos deshonestos, pelos actos deshonestos que sugorem, temos: — *Fausto, Traviata, Diktadura, Machina eleitoral, Academia de Bellas-Artes, Venus, Pan, Herodes, Primo Batílio* — e também por extensão: *Visconde de Melicio*, entendendo a que representou ridiculamente o nosso paiz no *Campo de Marte*, em 1889, o que me parece assaz deshonesto. —

Por acaso todas estas palavras ficarão agora fora da circulação?... É o que precisamos saber para alegria do nosso reino. Porque a lei de 8 de abril é mais uma lei patuca, do que uma lei de terror.

E assim é melhor. Que o paiz leve tudo isto a rir, aliás podia haver sua gotta de sangue!...

MARIANO PINA.

P. S. — Se esta minha crónica for processada, que os meus leitores não abram subscrição pública para ocorrer às despesas do processo e fiança. E crime de desobediência, previsto pelo § 5.^o do art. 7.^o da nova lei. Mas como o legislador nem tudo preveu, podem abrir subscrição para me oferecerem uma penha d'ouro cravejada de diamantes, que devolverei ao ourives, e com o produto da venda pago as despesas de justiça. E o meio mais simples de praticar o crime de desobediência, sem que a lei e os gozões nada tenham que ver com o acto em si!...

M. P.

MINIATURA

O teu vulto faz lembrar
uma estatua branca e leve
feita da espuma do mar
ou de neve.

Ha nas linhas do teu rosto
aquele suave estriô
e mimosa flor de gosto
de Murillo.

Tens na rosea e branca oval,
meiga como a de Jesus,
uma expressão virginal
que seduz.

Na pupilla acastanhada
duns olhos miríadianas,
tens a luz immaculada
dos crystaes.

Tua mão esculturada,
como nunca vi assim,
parece mesmo talhada
em marfim.

Essas tranças vastas, loiras
assemelham as meadas
que estendem no monte as moiras
encantadas.

E' teu corpo, meu amor,
d'uma consistencia elastica,
um verdadeiro primor
de arte e plastica.

GONÇALO SAMPAIO.

A QUESTÃO SOCIAL

Problema social! clamam por todo o mundo. Tal o grito, sinistro e frenético e profundo, que abala as multidões, rugindo hallucinadas, Mais duras do que o aço ativo das espadas. A vida é para uns o calice de um lirio, Por onde poisa a abelha argentea do prazer, Para outros reduz-se a simples martyrio, Furioso caudal do mais airoso sofrer. A' quelle a ventura, harmoniosa e doce, Salta cheia de amor um canto de paixão, Tão mansa e virginial como se aceso fosse Um passaro a cantar em meio da solidão. Reverso da medalha, escuridão completa; Desespero e terror; aguda como a seta A dor rompendo vici os seios desditosos. Choram por toda a parte os gritos clamorosos. Ha suspiros é pranto e brados e lamentos. Gehenas de terror, infernos de tormentos. Rugem as maldicções, sibilam os insultos, E a pouco, de vagar, nos cerebros incutidos, Faz brotar a miseria os mil cardos do crime, Esse cancro do mal, que os corações opprime, Fazendo-os propulsar em ancias de rancor, Como o mar a rugir e a soluçar de dor. Dobaixo do sereno azul da immensidão,

A dor, a Viuvez, a Miseria, a Orphandade Dão entre si as mãos, ajudam-se à portas, Lançando pelo mundo os seus fructos damninhos, As passo que no romper da rosa lus de dia Continuam cantando as aves em seus ninhos. Orpháios a soluçar por esse mundo além. Sem carinhos de pais e sem beijos de mão. Crianças que nascem sem luz e sem amor, Quem foi que vos lançou nesse abismo de dor? Oh! matheir infeliz, sem norte e sem destino; Velho que vais seguindo, exhausto peregrino, Corvado pela dor, prostrado de cansaço. Que vaeis seguindo a custo a tetraica carreira D'essa miseria atroz, que leva a sepultura. Por que razão vos quis a negra desventura, E a vossa vida foi um rosario de prantos, As passo que no ar vóiam milhares de cantos. As passo que na terra as mil flores rescedem:

Os astros virgines que pelo ar esplendem, Quando a noite desdobra o grande véu luctuoso São pérolas do céo, rosicler preciosas. E quando acaso os vejo a scintillar ao longe, Eu sinto na minh' alma a tristeza de um monge, E pergunto, inquieto, àquelle resplendor, Se n'ella também vive o sarcasmo da dor, Se n'ella também bruta o pranto angustiado:

A dor, que subjuga o mundo hallucinado. Qual despotia cruel, com barbaço e grilhões, Vai ella estrangulando os rubros corações, E vai-lhes arrancando a pouco e pouco a vida, E se morrer então, quanta illusão perdida Vai ao longe a sumir-se exame e saudosa, Bem como no entombo a folha silenciosa, Estiolada e morta e carcomida pende E a andorinha fugaz nos conselhos do azul, Em busco do fulgor das regiões do sul O espaço illuminado audaciosa fende.

Humanidade, oh mar ingente do Universo, Que rude tempestade eleva as tuas águas? Tantas imprecções, tanto clamor disperso, Tanto choro sem fim e tão sentidas magras! Que crebro propulsar de aspirações fogosas Te fazem agitar as águas monstruosas? Que batalhar febil de rispidas paixões Abalam sem cessar teus bravos vagalhões, A rugir, a gemer, a retumbar, irados, Taes como n'uma jaula os tigres fúriosos, Taes como no deserto os rabidos leões. Océano colossal, feito de corações, Qui-rudes escrachos quebram as tuas vagas? Quais são as tuas mil aspirações que adiapa, Teu desejo-inquieto ou teu sonhar feból? Qual será o teu norte e qual o teu Abril? Quantu dor vive em ti, quanto prazer dourado Acaso faz pulsar teu seio vehemente Quando por ti perpassa o sopro abençoadão Da paz, filha de Deus, da paz, doce e lucente?

E a dor que te agita humanidade nuda, Nos combates da guerra ou nos labores da paz, É ella que commove o teu enorme peito E ella que dissipá em torno das tuas magias, Como em torno ao ruchedo o turbilhão das águas, Como em volta do ninho a ave abandonada.

Mas que estranho clamor, que grita hallucinada, Se eleva sem cessar do teu seio gigante: Mil irritados sons de accento horripilante, Traduzindo a miseria e traduzindo a fome. A aspiração infânta e a magoa que consome, Brotam, a retumbar, quales duras ameaças De hippopotamos cruéis, armados de courtas, A sobir, a gaigar, n'uma rebeldia, Formidável, tenaz, olympica, vibrante, Soltando com furor no seio da amplidão O protesto febril de um coração gigante!

De que profundo abysmo ou ignorado horror Acuso vem brotando esse infernal clamor? Que peito monstruoso expelle aquelle grito, Que parece romper dos labios de um preicto? E a voz temerosa e soluçante e triste D'aquelle para quem nunca a ventura existe. D'aquelle para quem o sol não tem clarões, Nem flores tem Abril, nem a mane illusões. D'aquelle que a chorar, clamam por todo o mundo, Que tenham compaixão do seu pensar profundo. Esses que ao despontar dos seus primeiros amos, Logo sentem em si mil rudes desenganos. Esses que vão passando aos mil batélos a vida, Sem um afecto bom, sem que uma voz querida, Lhes adoece o viver angustiado e frio. Com um ralo de lux n'um carcero sumbrío. Esses que sempre e sempre anseiam a lida Nas mil ocupações d'um rude batulhar, Para alcançar um pão, para ganhar um leito, Misera exerga nua, onde ao final do dia, Possa um pouco dormir o coração no peito. E se possa esquecer a miseria sombria. E tristes, a chorar, sem lux e sem calor, Esses paciás da sorte, impotuosamente, Sentem em si brotar um infernal furor, E cheio d'uma raiva, estridula, demente, Ante o desequilibrio, enorme, social, Vem-lhes ao coração a serpente do mal; E rudes, a bramir, lançam por todo o mundo, Um brado de protesto, alívio e genebundo. Surgejam aqui e alli então as barricadas, Trovejam os canhões e chocam-se as espadas, Corre por toda a parte o sangue fumegante, E como o segador, a morte, a morte errante, Vai rápida ceifando as tremulas espigas, E mil prantos e ais suffocam as cantigas. Sómente o Christianismo essa moral sublime, Que enchuga todo o pranto e dá perdão ao crime. Doutrina que brotou dos labios de Jesus, Santa doutrina ideal, lirio de eterna lux; Estrela da manhã de vivido fulgor, Que as trevas presta lux e ao coração amor. Um balsamo suave e limpo e subtil, Doce como o frescor de uma rosa de Abril, Religião sublime alva como a cecem, Tão pura como a neve e bella como o Bem; Elle que sustentou o mundo em paroxismos, Por entre o espedaçar de rudes cataclismos; Elle que dá as leis à moral e ao direito, Elle que faz pulsar o coração no peito, N'essa dilatação de infinita caridade, Elle só poderá prestar à humanidade, O bem e a justiça, a paz e a ventura, Espendor ideal da eterna formosura, Que tinge de carmim as illusões da vida. Elle só poderá prestar à classe deprimida Dizer que se engrandeça a força de trabalho, E fazer que lhe ceda o pão e o agasalho, Aquella que sorri em gosos opulentos, E assim para o porvir, dispersos os lamentos, Cessando a pouco e pouco os brados dos famintos D'essa religião que aureoleu o mundo, Tornar-se-hão de novo os horizontes tintos. E erguer-se-há então um clamor profundo, A bendizer em coro a lux das consciencias, Que surgirá então n'essa quadra ditosa, Tam doce e virginial, tam bella e tam formosa, Como uma pompa branca a voar pelo azul, Como a cruz a brilhar nas regiões do sul.

Porto, 1890.

ALFRÉDO ALVES.



CHRONICA RIMADA.

Tive, ha dias, um convite
Amanhã, digir que:
Abril, príncipe d'elite,
Recebe na noite de...

Piz a casca bordada,
Com puntinhos de pista renda,
Um casquette emplumado...
E alugou uma commanda.

Tomou calote de gala
Porventura de violetas,
Tendo — que luxo! — a paçal-a
Paroflias de borboletas.

Mandei bater, No caminho
Encontrai mil convidados,
Cavas com mantos de armário,
Bilhetes endominguados.

Quando cheguei ao portal
Desse palácio fantástico,
Uma rosa virginal
Avançou as figuras de elástico.

Deslizei o meu brago e seguimos
Ellá coquette, ou pacato...
Ponto uma dhalia nos vinos
A namorar um regato.

A poucos passos prezante
Na sombra, oceânica, impunes,
Uma tulipa e um jacinto...
— Não era o jacinto Nunes —

A rosa cobriu o rosto,
Perder a cor, o perfume,
Nunca seu beu se de Gengotó,
Nunca seu beu se de ciúme.

Nervosa, como a mulher,
Disfarçar não soube a magna...
E pediu ao malmequer
Que lhe desse um copo d'água,
Vejo n'um canto, esquecida,
Sosinha e triste uma anemona...
Na rima é muito perfeita
Como essa infeliz — Desdemona.

Um gringo de madrugadas
Mais além borboletaria,
Que riam as gorgonzolas
De eu ir de calção e meia.

Dizem n'um tam galhofeiro,
Numa faltinha mal tem...
— Deixa ser conselheiro
Quem possue tão linda perna.
Restando como um burguer,
Murmura um mancebozinho:
— Ando a pensar, ha um mes,
Numa crua de barão.

E um lyrio sentimental
Lacrimoso diz-me: — Peuse
Em mim, ó Moura Cabral,
Quero ser amanacauze.

O Serpa, em tempos de out'ora
Faz-me uma quadra, um soneto...
Meia de empolho uma aurora
E umas abelhas do Hymeto...

Aié — cantai-n'faz pena —
Triste flor de laranjeira
Pede, por boca pequena,
Um lugar... de apaladeira.

Velho, pobre e todo calvo,
Soffrendo de rheumatism,
Nota, com ar de papávoro,
Apostando o Lyrismo

A festa está deslumbrante
Em grande tenuo Abril
A sua corte flamante
Mostra o seu ar senhoril.

As brisas, lermos de galas
Sopram nas sensi sorocas...
Alerta! Formam em alas...
Dois batallões de jasmim.

A Primaverá adoravel,
Entre vistosas grinaldas,
Vinha festiva, admiravel,
N'um palanquim de esmeraldas.

Sustendo a princesa em vejo
Seis robostos grâncias...
Abre o lucido cortean
Eufúrra de rouxinóis.

Servem de damas de humor
Rosas com grandes decotes,
Que fazem granas de amor
A um bando de myosótis.

O Inverno bem loujo, aresente,
Manda as últimas camelias;
Vão seguidas, tristemente,
Como um sequito de Ophelias.

Gardenjais muito catilas
Mostrando as festejas corollas,
Dançam com as margaritas
Animadas faraudas.

Revedias aristocratas,
Em termos mu tanto vivos,
Segredam phrases gaiatas
Ao pincelito lacrivo.

O sol, afim, apparece
Entre a branquinha das nuvens,
Que iluminou esta kermesse...
Copiu d'um quadro de Rubens.

Era já manhã. O dia
Envergou o manto real...
E a rosa, que me seguia,
Pediu-me a sorte da bal.

Saindo, comprimentámos
A pallida luz da aurora...
E, apertando, entrámos
Numa típica de Flora.

Fomos dormir ao Dafundo
Numa cabine fechado...
— Jesus! que dirá o mundo!
Diz-me eu em tom entedido.

Se aquela rosa n'ra vez
Botasse alg'ng'ndia da,
Oigo dizei-los, talvez:
— Sua bênção, meu papá...
CARLOS DE MOURA CABRAL.



O PRÍNCIPE DE BISMARCK

AS NOSSAS GRAVURAS

JORNAES E JORNALISTAS : O SECULO, REDACTOR PRINCIPAL MAGALHÃES LIMA.

— Há muito que a *ILLUSTRACAO* tinha reservado um lugar na sua série dos *Jornais e Jornalistas* de Portugal e do Brasil no jornal que maior circulação tem hoje em Lisboa, e ao sympathetic jornalista quo, apesar da sua energica atitude de combate, tem conservada a estima e a sympathia de todos os seus collegas da imprensa portuguesa.

As ideias quo Magalhães Lima advoga, o seu grito quotidiano de : « Abaixa a monarquia! » reproduzido em 35 e quatro mil exemplares do *Seculo*, não são de mudez a tornal-o excessivamente apreciado dos milhares e milhares de individuos que vivem vida regalada à sombra dos partidos monarchicos, graças à golpeamento eleitoral a que se dedicaram in corações. Pois apesar d'estes milhares e milhares de antipathias e dos furres que contra si tem er-guido, Magalhães Lima tem sabido conservar uma certa serenidade e um certo sorriso de philosopho que o tornam altamente apreciado de todos quantos, não sendo republicanos, também não são nem regeveradores, nem progressistas, nem mesmo esquerdistas. Porque em geral, os chamados politicos, só vêem estes quatro grupos, e não contam com o mais numeroso, com aquele a que eu e tu, leitor amigo, pertencemos, com o grupo dos que estão fora de todos os grupos, com os espectadores da grande farça politica, com o grupo dos independentes, que um dia também se decidirão a entrar em scena para dar a victoria ao mais vigoroso e ao mais honesto dos grupos em acção.

Varias razões de actualidade politica nos impellem a dar hoje o retrato de Magalhães Lima, acompanhado d'uma reducção do *Seculo*. Mas não são essas as principaes. A principal é uma divida de gratidão que ha muito tensos em aberto — desde que Mariano Pina foi a Lisboa, em fevereiro de 1889, para defender na imprensa a questão da representação portuguesa na Exposição Universal de Paris.

A historia merece contada, porque é uma das paginas mais honrosas para a historia do *Seculo*, o que muito enobrece o carácter do seu principal redactor.

Mariano Pina noca até hoje tem querido entrar na politica, apesar de diferentes convites que directa ou indirectamente lhe tecem sido feitos por parte de certos vultos, — e tem preferido sempre a sua modesta mas independente situação literaria e critica, a situação lucrativa, mas indecorosa, de marionete movendo-se as ordens do chefe X... ou do chefe Z...

Quando em fevereiro de 1889 foi a Lisboa para defender a representação da nossa agricultura e das nossas colónias na Exposição de Paris, que até ali estavam postas de parte, graças às intrigas, politiquices e peloticas industriais e industriais de Sua Insignificância, o sr. Visconde de Melicio, — Mariano Pina não encontrou um unico jornal monarchico das suas, relações que quizesse publicar-lhe uma série d'artigos ácerca do modo como Melicio se estava ocupando da representação de Portugal em Paris!

Todos os jornaes se desculpavam : uns porque não queriam levantar embarracos no gabinete; outros porque estavam mal com agricultura portuguesa, desde que os agricultores se haviam reunido em congresso; e outros porque entendiam que Melicio era uma excellente pessoa, e se devia deixar Melicio agradeando em paz em Paris, apesar de que com isso sofressse o bom nome de Portugal...

Um dia, indignado com semelhantes mollezas, es-cravidões e transiçoes d'uma imprensa que tantos ares se dá de independente, e que não é capaz de espurrar francamente com medo de cahir em desagrado a tal ministrio, ouça tal visconde, — Mariano Pina procurou Magalhães Lima e contou-lhe o que se passava. E imediatamente Magalhães Lima lhe franqueou a primeira pagina do *Seculo*, absolutamente, sem fazer a menor restrição, sem fazer a mais leve crítica ao tom em que os artigos eram escritos, isto, apenas por um espirito de justica, e de verdade, e para bem da representação nacional em Paris.

O que d'esses artigos resultou, todos o sabem : — a

installação por Bordallo Pinheiro, no pavilhão do quai d'Orsay, das nossas secções agricolas e coloniais. Sem o *Seculo*, a campanha sustentada por Mariano Pina nunca teria tido lugar. Sem o *Seculo*, sem a sua liberdade e independencia do critica, nunca Portugal teria conseguido representar-se, como se representa, no grande certamen de 1889.

O *Seculo* e o seu principal redactor tem pois grandes titulos à nossa estima e à nossa sympathia. Quanto à sua politica, e a uma nova, corrente de ideias que o *Seculo* abriu na sociedade portuguesa, sobretudo nas camadas populares, nada temos que dizer. São problemas sociais do maxim alcance, que hoje ninguem poderá criticar com justeza, porque todas mais ou menos somos influenciados pela luta.

O que é um facto positivo e terrivel, é que o espirito politico da nação portuguesa se debate n'este momento entre grandes incertezas. O statu quo é impossivel. Tem de haver fatalmente uma transformação. Quem tem elementos para a fazer... Os partidos monarchicos, ou os sous inimigos... Certamente aquelle partido que apresentar um mais largo programma de Justica, e de moralidade nos costumes!

tenhamos de assistir ou de tomar parte em lutas que antevemos sombrias...

Porque a excitação é grande, e em lutas proximas pode não só entrar tinta, — mas até sangue !...

A SUBSCRIÇÃO NACIONAL. — A nossa gravura, feita sobre um croquis do sympathetic correspondente em Lisboa da *ILLUSTRACAO* e do *Monde Illustré*, o sr. Freire, alumno da Academia de Lisboa, representa a fachada de teatro de D. Maria, em Lisboa, do lado onde funciona a comissão da grande subscricção nacional para a defesa da patria, subscricção que hoje está em cerca de 250 contos, contando n'esta somma com os 85 contos da subscricção da Família Real e com os 100 contos da Camara Municipal de Lisboa.

Vê-se pois — com tristeza — que se está longe de atingir as centenas e centenas de contos com que tanto contava a comissão, para no menos oferecer um couraço ao Estado, ou ajudar em larga escala a despesa com os trabalhos de defesa do porto de Lisboa. *

Alguns jornaes, entre elles o nosso collega o *Economista*, tem procurado explicar este retrahimento das bolsas portuguesas, em consequencia do mal que vão todos os negócios, das crises que atravessamos, e do quanto saímos para Portugal a Exposição de Paris, onde toda a gente quis ir, mesmo à custa dos maiores sacrifícios.

Mas também, porque não havemos de dizer francamente que uma das causas d'este retrahimento é a ignorância em que está todo o paiz acerca do que é Africa, e das nossas colónias? Como querem que os capitais corram para a defesa de territórios com os quais se sabe perfeitamente que não lacraremos, e que apenas representam onerosos encargos para o tesouro?

Os governos não tem sabido sequer equilibrar os orçamentos coloniais. Só sabemos que ha colónias, porque sugam o dinheiro dos contribuintes da metrópole. E só sabemos que ha colónias quando garantimos algum juro de 5 ojo a uma companhia de navegação ou de caminhos de ferro, ou temos de pagar alguma indemnização resultado d'algum disparate do ministerio da marinha.

N'estas condições é difícil exigir do capital portuguez que seja patriota, pois que o patriotismo quando exige sacrificio precisa ser esclarecido.

De todo o conflito nacional só sabemos que fomos insultados pela Inglaterra, e em especial por lord Salisbury. Mas o que ainda ninguem sabe em Portugal é o que monetariamente perdemos, com a perda da Mashona. Em quanto que em Londres se sabe perfeitamente quantos milhões sterlinos podem valer os territórios que lord Salisbury se apropriou, com o seu *ultimatum* de 11 de janeiro.

E' este platonismo africano que nos mata, — esta ignorância que nós devemos à velha politica fontista, achando o nosso ministerio da marinha e das colónias ape-nas bom para retiro de poetas com veleidades de estadistas.

E querem os senhores que as bolsas portuguesas sejam patriotas! E não querem que a onda descontente cresça de dia para dia! Mas como não hade a onda crescer, se são os velhos, ou os herdeiros de velhos princípios, que querem dormir as novas gerações?...

Déem-nos primeiro confiança no futuro, se querem o nosso appoio incondicional no presente. Aliás cruzaremos os braços, a esperar que os velhos princípios morram por si... attendendo a que não podem durar muitas horas!

CHRONICA RIMADA. — A primorosa chronica em verso que nos foi mandada de Lisboa pelo nosso querido amigo e sympathetic colaborador C. de Moura de Cabral, vai ilustrada com um encadrement original de Augusto Pina.

Nós pedimos aos criticos officiaes d'arte, que hoje medram aos centos pelas ruas de Lisboa, a indulgencia que merece um rapaz de deserto annos, que a Academia de Lisboa conservou dois annos, conforme o regulamento, a copiar estampas, e que em poucos mezes uma academia de Paris collocou em frente do modelo nu, fazendo-o trabalhar conjuntamente.



O GENERAL DE CAPRIVI
Novo chanceller do imperio da Alemanha

tamente com artistas que expõem todos os anos no *Salon*.

O encadrement da chronica Jo Meura Cabral é uma phantasia histerica na qua respeita à composição geral; mas onde se achaíam já certas elegâncias de traço e de detalhe que nos denunciam para d'áqui a alguns annos: um brilhante collaborador artístico.

O PRINCÍPE DE BISMARCK. — A demissão do sr. de Bismarck de chanceler do imperio da Alemanha, demissão que foi aceito sem hesitações pelo imperador Guilherme II, está tendo o assumpto de todas as conservas em todos os centros politicos do mundo inteiro, e a causa de graves apprehensões acerca da política do novo Cesar e dos destinos da Europa.

A noticia da demissão apareceu no *Monitor oficial do Império alemão*, no dia 20 de março ultimo. Guilherme II dirigiu n'esso dia uma carta ao illustrado fundador do império alemão, império construído sobre as famosas catastrophes do exercito francês e vitórias dos exercitos prussianos, carta pola qual lhe conferia o título de general de cavalaria, com o título de feld-marechal. Numa outra carta o imperador conforia-lhe o título de duque de Lauenburg.

O principe de Bismarck deixou no dia 29 de março, às 5 horas da tarde, o palacio de Wilhelms-trasse, palacio da chancelaria, onde habitava. A multidão que o esperava nas ruas, desde o palacio até à gare de Hamburgo, era incalculável. No trem que o conduzia à gare, ia Bismarck, seu filho o conde Herbert, e o cão favorito do principe. A aclamação que o publico fez a Bismarck foi delirante, e o velho chanceler, com as lagrimas nos olhos, dizia adeus ao povo de Berlim, mas affirmando sempre que nunca mais voltaria a ocupar-se de politica. Reijavam-lhe as mãos, e de todas as janelas choviam ramos de flores sobre a carruagem. A nossa gravura dá uma ideia d'estas scenas.

Bismarck retirou-se com toda sua familia para a sua residencia favorita de Friedrichsruhe onde no dia 1.^o de abril festejou o seu 75.^o anniversario naturalicio.

Continua vivendo no mysterio, a razão d'esta brusca separação de Guilherme II e do seu chanceler, separação que muda totalmente a face da politica europeia. Iá chamam ao moço imperador o Cesar socialista.... Isto quer dizer que Guilherme tenta resolver os mais complicados problemas sociais, que a questão social na Alemanha preoccupa vivamente o seu espírito. E como Bismarck se achava em antagonismo com os teorias do seu imperador e amo, este suprimiu Bismarck, tomando sobre si todas as responsabilidades da nova politica.

O que se pode porém concluir de tudo o que se diz e de tudo o que se tem escrito acerca de novo imperador e do velho chanceler, — é que Guilherme II estava desejoso de fazer politica sua, segundo o seu temperamento, o seu modo pessoal de ver os homens, os partidos e as nações; e que o velho Bismarck ao lado d'aqueila irriqueta mocidade que conta apenas 30 annos, representava o espirito do passado, o mentor frio e inexorável, que parecia considerar Guilherme, não como o imperador de facto, mas ainda como sendo o neto do Guilherme I.

Quer dizer: o velho considerava a morte de Guilherme I como uma simples ausencia temporaria, e o reinado de Guilherme II como uma simples regencia, da qual elle seria á alma e a força, enquanto elle Bismarck fosse d'este mundo...

Seriam exageradas as suas pretenções?... Toda a Europa diz que não, porque toda a Europa está d'accordo em que a Alemanha de 1870 é obra exclusiva de Bismarck, e que sem Bismarck, Guilherme II não teria hoje na cabeça a coroa de imperador, e não se veria à frente de 42 milhões de subditos e 6 milhões de soldados.

Seis milhôes desoldados!... Guilherme II tem hoje em armas mais homens, do que subditos possue o rei de Portugal!

Será esta força, de que elle dispõe como senhor absoluto, que tanto o embriaga? Quererá Guilherme II, caracolando à frente dos seus seis milhões de soldados, empreender através da Europa os mesmos exercícios militares de Napoleão I — contar em respeito a Rússia, liquidar militarmente a questão do Oriente, formar o imperio ibérico com a absorção de Portugal pela Espanha, esmagar em seguida a Republica francesa, e aniquilar a influencia inglesa em toda a costa oriental d'Africa?

Andará elle agitado por visões de conquistas e de batalhas, por uma reforma completa da carta da

Europa, para assim estender o seu império e poder implacavelmente suffocar o movimento socialista que prometeu abalar-lhe o trono?...

RECORDAÇÕES DA EXPOSIÇÃO : A FONTE MONUMENTAL DO CAMPO DE MARTE

— No dia 5 de maio proximo vai fazer um anno que se inauguru em Paris a grande Exposição Universal. No dia 5 de maio, um grande banquete de todos os cunhados franceses e estrangeiros que se acharem em Paris, solemnizará esta data, já hoje famosa, da grande festa do Trabalho e da Intelligencia, este dia 5 em que a França republicana — segundo uma felix expressão do nosso sympathico collaborador Jayme de Segnol — declarou a pá à Europa! O banquete, que deve ser de 3000 talheres, realizar-se-ha no Campo de Marte, na galeria d'honor, que ainda se conserva de pé, e que sob o grande zimbório que se destaca ao fundo da nossa gravura.

Por uma sabia e patriótica resolução do Estado e do Conselho municipal de Paris, graças aos esforços de M. Alphand, director geral das trabalhos da Exposição — o Campo de Marte tal qual elle era em 1889, continuaria a existir. Continuarão existindo os palacios das Bellas-Artes, Artes-Liberadas, galeria d'Honor, galeria das Machinas, os jardins do Campo de Marte e a fonte monumental que é o assumpto da nossa gravura.

No proximo mes de maio, abrir-se-ha no palacio de Bellas-Artes a exposição de pintura e escultura da nova Sociedade de artistas franceses e estrangeiros presidida por Meissonnier. E no dia 5 de maio de 1890, como por encanto, o Campo de Marte resuscitará tão vivo — tão brilhante como era em 3 de maio de 1889. E assim se prolongarainda a primavera e todo o verão; e assim renascerão todos os annos. Juntam-lhe a curiosidade d'uma ascenção à torre Eiffel, e aquelles que não puderam vir a Paris em 1889, terão este anno e nos annos seguintes a ilusão de ainda entrarem na Exposição Universal.

A fonte monumental que forma o assumpto da nossa gravura, e donde partam as fontes luminosas, é obra do escultor Coutan e do arquitecto Formigé. Quanto ao funcionamento das fontes luminosas, que causaram a admiração de toda a gente, fallaramos em artigo especial, com gravuras tecnicas explicativas. Esse artigo será publicado n'um proximo numero, quando as fontes luminosas de novo funcionarem.

A nossa gravura representa o Campo de Marte tal qual deve surgir no dia 5 de maio proximo, aos olhos dos parisienses e dos milhares e milhares de estrangeiros que vão chegando a Paris, para aqui passarem os bellos meses de maio e junho, e o inenso dia do *Grand-Prix de Longchamps*.

O GENERAL DE CAPRIVI. — Foi o general de Caprivi que Guilherme II conferiu o titulo de chanceler do império da Alemanha em substituição do principe de Bismarck.

O general Jorge I.º de Capriva de Montecuculli de Caprivi nasceu em Berlim no dia 24 de fevereiro de 1831. Seu pai era juiz do supremo tribunal, e a sua mocidade passou-se n'um meio austero e severo.

Aos 18 annos, em 1849, sentiu praga no regimento dos granadeiros de Francisco-José. Em 1850 era alferes; em 1859, tenente; e em 1861 entrou como capitão no grande estado-maior. Só ali permaneceu trez annos. Quando rebentou a guerra de 1866, entrou no estado-maior como major e fez tudo a campanha com este grau.

Em 1870, quando rebentou a guerra com a França, era tenente-coronel, chefe do estado-maior do general Von Voigts-Rietz; fez as campanhas de Metz e de Loire.

En 1872 sahio coronel e entrou no estado-maior general, onde se distinguiu pelos seus trabalhos sobre a artilleria. Em 1878 foi-lhe dado o comando de Metz, e foi Caprivi que tr'cou os planos das novas fortificações da cidade.

Quando em 1883 o general de Storch abandonou o ministerio da marinha, o imperador Guilherme I nomeou Caprivi vice-almirante e chefe do almirantado.

Só deixou este cargo en 1888, para ir tomar o commando do 10.^o corpo; no Hanovre.

Toda a carreira do novo chefe da politica alema é pois militar e sómente militar.

Um detalhe curioso: O general Caprivi, fisicamente, parece-se imenso com Bismarck. Durante o tempo que esteve em Berlim como chefe do almirantado, muitas vezes o confundiam na rua com o ex-chanceler.



UM MYSTÉRIO

(A. M. KUKI, GAVO)

Mas o velho de aspeto venerando.
CANTOS.

Viviam sós n'aquelle sanctuario,
— Mar insondável de fáticos arcanos;
Ella seria quasi octogenário
E ella devia ter vinte e dois annos.

Na estreita sala onde agoniza o velho,
Em cheio esplende a clara luz do dia;
Duas cadeiras, uma meza, um espelho,
E em frente ao leito uma photographia.

Na meza antiga recostada ao muro,
De pés em bota e de scail castanho,
Dormita, involta em politimento escuro,
Uma boceta de lavor escurano.

E ao lado um Christo de visões bemditas,
Rosto esvalido sobre os homens lassos,
Na postura das magoas infinitas,
Cançado alonga os doloridos braços.

Arca-lhe o peito. O doce olhar piedoso,
Banhado, ungido n'um ceruleo véo,
Em torno esparze, d'um clarão bondoso,
Toda a meiguice que lhe vem do céo.

Respira em tudo o pequenino ambiente
A santa paz harmoniosa e calma
Que faz do sombre aurora transparente
E é como esfulvio, em a nação da alma.

A alma d'ella, porque a d'ella é noite,
A d'ella é sonho transparente e vago,
Elle é oceano em tenebroso açoite,
Ela é silêncio resignado, — é lago.

Quando saíam, toda a visinhança
Abençoava essa família austera:
Era um velhinho preso a uma criança,
Um roble erguido pelo amor da hera.

Vae em tres annos que ninguem os via,
Juntos, unidos e de braço dado,
Sair de casa ao resvalar do dia
E a filha, — a noiva, no maior cuidado.

E era de ver a dualidade estranha
Qui se casava na maior meiguice:
Cada ruga do velho, — uma montanha,
Cada feição da filha, — uma planice.

Cada ruga do velho ia accusando
Dias dias de profundas magoas...
Todo o conjunto era oceano uivando,
Um mar imenso de revoltas aguas.

Cada feição da filha era um exemplo
Da paz tranquilla e monacal d'um crente.
Tinha no rosto a santa paz d'um templo,
Era um lug o dormir profundamente.

Depois de olhar essa tormenta brava
Que era do velho a esplêndida aliver,
Parece até que a vista descângava
Quando sorria aquella piçidez.

Ultimamente o velho encontecd
Via phantasmas na visão dos sonhos,
Sofria insomnias, e o olhar variado
Tomava aspectos sepulchraes, medonhos.

Ia crescendo a alluviação tremenda
D'esse malido e desvairado enxame...
Ela exaurida após a lucta horrenda,
Depois o infame... ah! o infame, o infame...



RECORDAÇÕES DA EXPOSIÇÃO DE PARIS. — A FONTE MONUMENTAL DO CAMINHO DE MARÉE, AINDA EXISTENTE,

N'essas febris apparições phantasticas,
Pregava os olhos na photographia,
E tinha a vista convulsões elásticas;
Rasgava a noite e a solidão mordia.

E lá do fundo iam surgindo as vagas
Do amargo pranto d'uma dor intensa,
Como se fossa o rebenhar das vagas
Na funda rocha d'uma praia imensa.

E a luz escassa d'uma lamparina,
Que involta em sombras desmaiada brilha,
Rugia o velho; — « E' maldição divina!
Reza por mim, por tua mãe, ó filha! »

Olhava afflito em derredor da casa,
Fitava a medo a santa creaatura,
E cravava depois a vista em braza
Por sobre a meza e na boceta escura.

Pairava sphinge d'um silencio mystico,
— Morto areal varrido pelos ventos; —
No estranho de lavor artístico
Que elle guardava como os avarentos.

Sombras talvez d'um grande crime insulto?
Sangue de pomba ou de chacal? Mysterio!
Provas, quem sabe? de martyrio occulto
Na pedra raza d'algum cemiterio.

Remorsos? Não! Era um mysterio horrivel.
Eram rugidos de insonáveis zelos;
Eram visões d'uma tragedia incrivel,
Que o torturava nesse pezadellos.

Noites e noites decorreram n'isto.
Quando morria a derradeira estrella,
Fitava a filha o meigo olhar no Christo,
E elle chorava sobre o peito d'ella.

Ella agonisa. O sol esplende a cheio;
E em chuva de ouro no ambiente escorre;
Quer ver o sol; é o derradeiro enleio
Da luz que nasce para a luz que morre.

Inclina a frente ao cavernoso tronco;
Arqueia afflito em agonia horrenda;
Cada soluçõ d'elle é como um ronco,
Lembra o severo Adamastor da lenda.

Os olhos tentam devassar o immenso
Na barba em ondas que lhe afoga o peito...
Reprime a filha o halito suspenso
Afflita, ansiosa, em derredor do leito...

Quando o velho caiu desamparado,
Como um phantasma que se transfigura,
Ergueu os braços para o céu lavado
Cravando os olhos na boceta escura.

Nunca ninguem ao certo descobrirá
Que a ignota causa d'um soffrir tamanha
A guardava, no fundo de saphira,
O negro cofre de lavor estranho.

LUIZ OSORIO.

O INGLEZ

Larga passada, um todo esgraviado,
Cara, cachaco e mãos, cór de lagosta,
Alto pescoço, onde a cabeça e posta,
Rubro coiro de sardas mosquedo;

Tendo o cabello um pouco arrapado,
Suissa a meio pau, ao vento exposta,
Olho pequeno de que o vicio gosta,
E as costas de cabide já abalado;

Se vés passar assim por qualquer rua,
Com certa imposição, um tal freguez,
Como quem diz — que toda a terra é sua,—

Ou ha-de ser farjado, ou ser inglez.
Podes mandá-lo á fava, ou á tabua,
Que um vés, das dois; ou ambos, n'um só vés.

AUGUSTO LUSO.



PORTUGAL E A RENASCENÇA

(D'um estudo inedito)

A CONSTITUIÇÃO hereditaria e dynastica da parte da aristocracia feudal importou uma profunda metamorphose na sociedade. O seculo XVI é aquelle em que essa transformação estava integralmente realizada.

O feudalismo fora substituido pela monarquia; o poder temporal e o poder espiritual, confundidos na Edade-media, tinham-se dividido; e, forte pelo trabalho, apareceram a burguesia. Reata-se, então, a continuidade historica, prendendo-se o mundo moderno ao mundo antigo, evocado na Italia em todas as suas manifestações — a religião, o direito, a philosophia, a literatura, a arte, — e logo vulgarizado pela typographia, descoberta por Gutenberg, e pela gravura em cobre, achada por Finiguerra, — um ourives florentino. Renova-se a actividade scientifica das civilizações classicas, interrompida pelo mysticismo demievico, e a interrogacão da natureza, observada em variadissimos aspectos nas longas viagens que a bussola permitia realizar, traz valiosas contribuições à astronomia, à mineralogia, à botanica, à zoologia, à geographia. O platonismo, vencido pela philosophia de Aristoteles, durante o regimen católico-feudal, dá à poesia um caracter subjetivo, e produz o lyrismo de Petrarcha e de Camões.

A arte dominou tudo e todos, convertendo-se numa quasi-religião: — as casas perdem o seu carácter defensivo, tornando-se graciosamente accessíveis, e povoam-sede quadros, de estatutas, de tapeçarias, de moveis em que a severidade medieval da fórmula é disfarçada pelo profuso e pelo caprichoso dos ornatos, suavisada pela contribuição da sculptura e da marchetaria; no vestuário, entram a predominar as rendas, os bordados, as plumas e a seda; as proprias armaduras se convertem em obras-farto, como se acaso comprehendesssem que só quando o morteado do damasquinador ou o cinzel do lavrante d'ellas houvesse feito desaparecer o antigo carácter, o velho espirito, poderiam caber n'uma civilização que era fundamentalmente pacifica.

É esta gloriosa época de paz e de liberdade de espirito; este luminoso seculo essencialmente commercial e artístico; este incomparável periodo em que a revelação do mundo clásico evidencia as civilizações do Occidente a perfeita identidade da sua origem, e lhes d'uma feição unica na esfera da scienzia, da literatura e da arte, em contraste com as rivalidades que, politicamente, as separavam; esta era festiva em que o homem se revela em todan sua plenitude, como nos aureos tempos da Grecia; é este complexo phenomeno social que a historia designa pelo nome de — Renascença.

Portugal teve então um momento de predomínio. Pelas suas navegações e descobertas iniciou o regimen pacífico da industria e do comércio; funda, portanto, a época moderna; e synthetica, naturalmente, esse grande facto d'uma obra-d'arte: — suscita no espirito superior de Camões a maravilhosa concepção dos Lusitanias, — poema em que se cristallisa toda a civilização do seculo XVI, onde bate, depois de ter atravessado Portugal, esse fulgorantíssimo raio de luz, que se chama — a Renascença.

O nosso paiz começou a ser dominado pelo novo espirito no tempo de D. João II.

É então que a auctoridade real se torna perfeitamente independente, e que a auctoridade classica do Renascimento vem reagir sobre a literatura e a arte da Edade-media. Na archiectura, o gothico florido, onde, aos primeiros alvures da liberdade, o povo traduzira em verdadeiras filigrannas de pedra, symbolicas e maravilhosas, os seus votos e as suas crenças, torna-se mais simples, mais regular, menos tumultuoso e phantastico, deante da pureza geometrica das ordens gregas; — e Santa Maria de Belém sucede a Santa Maria da Victoria. Na ourivaria, Gil Vicente abandona o cinzel aos lavrantes e sculptores italiani ou italianizados da Renascença. Na pintura, a tradição flamenga e alemañ é supplinada pela influencia da Italia, e o genero faustoso e dramático de Raphael, de Miguel Angelo, do Perugino, de Paulo Veronez, de Ticiano, destinado antes a assombrares do que a commover, — substitue o estylo gothico, tão minudente, e d'uma tão admiravel finura de execução. Na poesia dramatica, o theatro classico triumpha dos velhos *autos* medievicos, transportados das egrejas para a corte. No genero lyrico, o subjectivismo vago de Petrarcha, e o verso endecassyllabo tomam o lugar do nosso lyrismo tradicional da redondilha. Na epopeia, Camões cinge-se à forma classica, — embora s'na arte, porque o seu altissimo *engenho* leva-o a inspirar-se das tradições nacionais. Na historia, o latim é preferido ao portuguez, separando-se, portanto, o escriptor do povo, a literatura da nacionalidade. No direito, enfim, a autonomia dos *fórares* é substituida por uma unicificação, calcada sobre as leis de Roma, que a Italia nunca tinha esquecido.

N'uma palavra: — toda a evolução da Edade-media foi interrompida pelo deslumbrante resurgir das civilizações classicas.

JOSÉ PESSANHA.



O PRESENTE

COM um embrulho n'uma das mãos, e na outra um papel amarrulado, o bom velhote já cansado, subia a passos lentos a Calçada do Maine, parando de vez em quando para olhar para as portas, soletrando os numeros. Mas desesperado olhava para o pedaço de papel, onde vinha o *adressee*, como se entre os algarismos e este subscripto houvesse uma relação misteriosa, e que elle não podia encontrar...

— Pachiu! Eh! que procura? perguntou por traz d'ele uma voz rude.

O velhote voltou-se e deparou com um polícia.

— Perdão! disse elle ao agente, retirando o seu chapéu. Desejava saber onde é aqui o Asyl de Maternidade, 201, Avenida do Maine?

— Eu o acompanho... E o polícia levou o velho até à porta do Asyl.

Este homem era um cantoneiro, vestido com blusa tradicional, chapéu de couro, calças cintenzas arregadas até ao meio da perna, e que vinha da sua aldeia next Paris.

A iruã rodeira, que veio abrir-lhe a porta, fazendo grande barulho com o rosario, perguntou-lhe asperamente:

— Quem procura?

O cantoneiro, um pouco commovido, não pôde responder. Os cantos da boceta toceram-se, e o queixo começo a tremer-lhe.

— Sou o paiz da Maria, disse. E com as palavras semi-abertas em que a angustia immensa se notava o velho esperou.

— Maria... Maria? repetiu a irmã. Ela não tem outro nome?

Sem duvida as Marias eram muitas no Asyl.

O cantoneiro teve um minuto de hesitação. Preciou-lhe exquisito que a sua filha não fosse melhor conhecida na casa.

— Sim senhora... Maria Augamarre, respondeu o velho.

— Ah... ah!...

E como a religiosa fizesse um movimento de queixo como quem se quer lembrar de alguma cousa, a voz do bom velhote murmurou:

— Como vai ella, a minha Maria?

A rodeira respondeu-lhe sorrindo:

— Bem, admiravelmente. Ella vai ficar muito contente de o ver. Entre, se faz favor.

Elle obedeceu, e seguindo o *frou-frou* do rosário, atravessou um grande pateo. Um jardineiro carregava terra num carro de mão. Debaixo das arvores, sobre os bancos, viam-se mulheres ainda muito novas, passando com as crianças ao colo, e cantarolando para as adormecer. Estas canções das amas e o jardineiro deram-lhe a esperança, e demais a porta do jardim parecia muito estreita para dar passagem a um caixão.

Foi, pois, seguro de si mesmo, que elle entrou no locutorio para ali esperar a superiora. — Esta era uma mulher madura, um pouco gorda e solene. Quando entrou fez uma grande reverencia. A perturbação do cantoneiro aumentou; tantas atenções pareciam-lhe de mau aguado. E mesmo que na atrapalhação pouco faltou para deixar cair o chapéu e o embrulho. Mas como a superiora tivesse repetido a frase da irmã rodeira: « O meu caro senhor vai ver sua filha », o pobre homem ficou contentíssimo, e começou a falar pelos cotovelos.

O maire da sua terra tinha-lhe dito que em Paris necessitavam da certidão de idade de Maria. Elle bem sabia o que isso queria dizer, os papeis! Quando os pediam era por que as pessoas estavam mortas ou quasi. As cousas tinham-se passado assim, havia tres meses antes, quando o filho lhe morreu em Africa.

...

Havia sete dias que elle marchava a pé desde a sua aldeia, comendo à pressa, e dormindo nos palheiros.

Chegado a Paris, tinha ido ver a antiga pátria de sua filha. Não quizeram recebê-lo, mandaram-o ir ao Asyl.

A superiora, depois de o ter escutado com uncão religiosa, e já habituada a ouvir histórias d'essas, deixou-o terminar, o perguntou-lhe:

— Sabe porque é que Maria veio para esta casa?

— Pouco me importa, o que eu quero é saber se ella vai de saude...

— Foi uma infelicidade...

— Hein? Quebrou alguma cousa? Uma perna, ou um braço?

A superiora disse-lhe que não com a cabeça, e perguntou:

— Que viu no jardim?

— Nada de mau, um homem carregando terra, e raparigas que cantavam com crianças nos braços...

A religiosa olhou-lhe para a cara; afim de ver ali estampado o pensamento do velho.

— ...Então não adivinha?

Mas o pobre homem abanava lentamente a cabeça, não querendo compreender; quando os seus olhos encontraram os da superiora, e a perguntou que os seus labios se recusavam a articular foi feita pelo olhar.

— Sim, um filho, disse a irmã, com um tom grave.

Então, elle deixou-se cair para traz sobre a cadeira, escondeu a cabeça nas mães e começou a chorar.

A religiosa callou-se, para deixar passar a tempestade. Mas como o velho não terminava de gemer, dizendo: Oh! meu Deus! Que desgraça com gritos que fazia tremer toda a sala, elle tocou-lhe no ombro.

— E' preciso perdoar á sua Maria.

O cantoneiro começou a abanar a cabeça e a olhar para os sapatos; a superiora disse-lhe:

— Vamos senhor, não pode ser mais severo que aquelle que está alli. E a irmã indicava um quadro que representava o Bom Pastor.

O pae olhou vagamente para o quadro, e as lagrimas robustaram-lhe com mais força.

Não diaz palavra; então a superiora, abrindo a porta, chamou:

— Maria! Desça depressa!

E como o pae fizesse um signal de que não queria vel-a, a superiora disse-lhe com severidade:

— Creio que não lhe baterá ao menos... por causa do leite...

Depois com doçura:

— Poder rapariga... o que ella sofreu!

Ouviam-se vozes por detrás da porta, e repentinamente a Maria apareceu com o filho nos braços. A pobre rapariga caminhava com os olhos no chão, muito vermelha, com um ar d'innocencia, um poncio ingenuo mesmo— como essas Marias dos Primitivos que olham para a menino Jesus que tecem sobre os braços, com o espanto do milagre.

Immobile na sua cadeira, sério como um juiz, o pae não levantava os olhos.

A superiora avançou, e pondo-se entre os dois, disse: Maria :

— Dê-me cá seu filho, e ajolhe diante de seu pae.

A rapariga obedeceu, e lançando o rosto contra o peito do pae, gritou como uma doida:

— Meu pae, perdão-me, não voltes a cabeça, para me não veres.

O velho, commovido, collecou a mão sobre os cabellos louros da filha e murmurou:

— Emfim! Antes isso, que morta!

Maria, toda chorosa, deitou-se ao pescoco do pae e quis contar-lhe a aventura, justificá-la, mas o velho deteve-a:

— Isso não é comigo! Tu não me consultaste, portanto esses negócios não me dizem respeito. Mostra-me ao menos a criança.

Maria levantou-se, pegou no filho, e uniu-o ao coração. E como o avô se inclinasse para o vér, ella levantou o véu que cobria o rosto do petitzito.

O velho olhava com uma curiosidade instintiva, mais forte que a sua dor, para esse seu salido das entradas de sua filha, em que ellé, pobre e velho, revivia pela segunda vez, e perguntou-lhe:

— Como se chama elle?

— João, como tu, papá!

O cantoneiro, espantado, disse:

— Como eu! Então o pae abandonou-o?

Ella baixou a cabeça, sem responder, recomecando a chorar.

— Então, disse a superiora, visto que já lhe perdoaram... pois não é assim, sr. Angamarre?

— Assim é, visto que é necessário, respondeu o pae. E dizendo isto, levantou-se para sair.

Havia já alguns minutos que os seus olhares se dirigiam para o embrulho que collocava sobre uma cadeira; parecia-lhe que tinha alguma coisa a dizer, mas que não podia proferir.

A superiora notou a sua inquietação e para o pôr à vontade, perguntou-lhe:

— Para que está a olhar? Diga-me: não tem recomendação alguma a fazer-me?

O velho já estava de pé, com o embrulho na mão.

— E' verdade que sim!... Peço-lhe, querida irmã, o grande favor de arranjar um lugar para a minha Maria e de nos mandar o nosso neto, se ella promete portar-se bem d'aqui para o futuro.

Depois, cumprimentando, saiu. Maria acompanhou o pae, sem dizerem palavra um ao outro, atravessaram o jardiminho em que o homem continuava a encher de terra a carriola, e chegados à porta da rua, o pae disse à filha.

— Vem comigo até ali esquina da rua.

A filha foi com elle, e chegados ahi, e sem tornarem a falar de coisa alguma, o velho abraçou e beijou ternamente a filha. E tendo olhado para todos os lados, e certo de que ninguém o via do Asyl, desamarrou o lenço e tirou um grande bolô d'ovos e farinha fina.

— Aqui tens, disse elle, era o presente do anno novo que eu trazia para as boas irmãs que te tracaram. Mas tu bem ves como elle está, parece uma pedra, ha sete dias que vem aqui dentro do lenço, não ousei offerecel-o. Tive vergonha; tu pedir-lhe-has muitas desculpas e dar-lh-o-has, sim? Eu é que não posso voltar com elle, tua mãe ficaria muito triste se o fizesse. Adeus!

HUGUES LE ROUX.

TSARINE
PO DE ARROZ RUSSO
Arroz, Aveia, Farinha, farinhas
PREPARADA POR VIOLET
20. Rue des Faubourgs PARIS

A REVISTA DAS REVISTAS

Publicamos em seguida, para complemento da gravura da nossa primeira pagina, o manifesto que a comissão executiva da subscrição nacional dirigiu a todo o paiz.

Este documento é devolto à pena do ilustre jornalista, director político do *Diário*, sr. António Ennes. E a sua relação foi-lhe confiada por proposta do sr. Fernando Palha, membro da Comissão executiva, antigo presidente da Câmara municipal de Lisboa, e hoje deputado pela capital.

SUBSCRIÇÃO NACIONAL

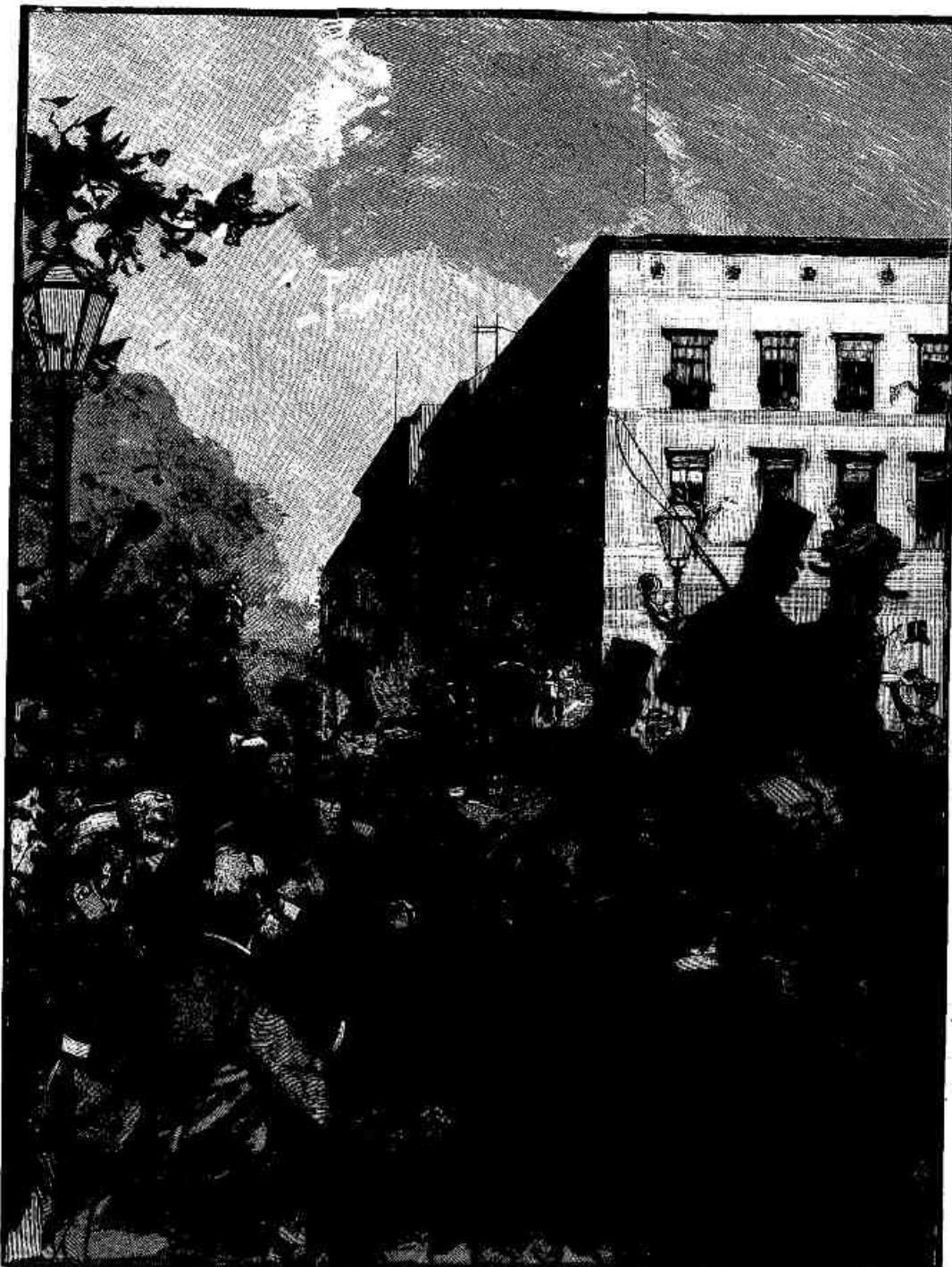
O MANIFESTO AO PAIZ

Seculos de aliança e de amizade, a que fomos tão leais que parecemos submissos, não obstaram a que a Grã-Bretanha, uma vez que o nosso direito resistiu ao seu interesse e o nosso brio lhe contrariou a soberba, passasse por cima de nós e dos tratados com a arrogância desdenhosa com que um dos seus corajados metteira a pique a piroga de selvagens, que se arravassasse na praia. A enormidade dafronta impremedida, o attentado prepotente contra *direitos históricos*, remota sim, mas que se ganhavam balizando mares desconhecidos com destroços de naufragios e riscando veredas nos sertões com sangue de heróes e martyres, uniram as vozes de todos os portugueses n'um protesto vehemente e levantaram-lhes os braços n'um phrenesi de defesa. Mas a defesa e o protesto contra o poderio immenso, que sentenciou como juiz irresponsável n'um pleito em que era parte só porque maneja uma espada que d'un revez faria pedaços a espada da Justiça, não podia ser a guerra, — duelo iniquo da fraqueza com a força, investida trébolada de peitos n'um muralha de aço, combate sobrehumano d'un galeão de seculo XV com o moderno Leviathan.

Buscaram-se, pois, outras fórmulas de manifestar ao mundo que se Portugal se rendia não se humilhava, se padecia o insulto não desistia do desagravo, se recuava das margens do Chire e do Sanhaua não arreava a bandeira do seu império africano, e logo o patriotismo, desporreado de rasgar as voias na loucura da resistência, ofereceu as bolsas n'previdencia. Iniciaram-se por toda a parte n'uma espontânea porfia de generosidade, subscrições para a defesa nacional.

Estas subscrições não são um socorro ao Estado, são um manifesto do paiz.

O estado tem rendas e tem crédito para prover á possível segurança do território português; mas o espírito nacional deseja que as armas que se fortassem e as muralhas que se erguissem por voto de desagravo, não tivessem o sello do fisco, que é a imposição, nem o carimbo do empréstimo, que é o negocio, antes fossem marcadas com um brasão de amor patrio, que recordasse sempre, aos soldados que as brandissem e aos cidadãos que as guarnecessem, que estava ali com elles, a alegrar-lhes o esforço e agradecer-lhes o sacrifício, a alma heroica da nação. Também se pretendeu que as subscrições fossem um como plebiscito, em que todos os portugueses declarassem o seu propósito de con-



A SAÍDA DE BERLIM DO PRÍNCIPE DE BISMARCK

A MODA PARISIENSE

Ainda é da tradição em Paris renovar as *tuites* por ocasião das festas da Paschoa. E mesmo contra as indicações da folhinha e as intrasigências do meu tempo, o domingo de Paschoa ainda é, e será por muitos anos, para a maioria das lindas parisienses, o signal para a inauguração das modas de primavera. Este costume também é lei em todas as cidades de província; e dificilmente, por mais que se revoltem certas parisienses da novidade *d'entrace*, Paris se libertará d'estos antigos usos femininos, que têm a sua razão de ser, comparados com as festas da Egreja, e com as alegrias da Paschoa.

De resto a Paschoa é signal de bom tempo, Paris sahindo do seu inverno cinzento e por vezes tristonho. O primeiro raio de sol enche de alegria o coração das mulheres. Immediatamente atiramos para o lado com as peleças e *fouurres*, sem nos querermos lembrar do sabio proverbio francez: *Tant que dure avril n'ôte pas un fil*, — e avidas de novidades corremos para casa das modistas.

Os vestidos de primavera são simples e sobrios: é a transição entre as fias quentes do inverno e as frescas surpresas que nos prepara o verão. A forma lisa continua dominando, com modelos variados, e a mistura de fazendas e as



combinações de tintas são o principal elemento.

As fazendas de raminhos, de pintas e de desenhos regulares combinados com a fazenda unida, são muito apreciadas; as tintas que parecem extravagantes combinam-se facilmente. De resto é uma questão d'habito, pois que a vista cedo se acostuma a estas phantasias de colorido. Verde e preto, cinzento e violeta, cor de rosa e verde, todas as *nuances* que antigamente se procurava evitar cautelosamente, unem-se hoje com a máxima naturalidade.

Os corpos sempre justos, muitas vezes feitos de dois tecidos diferentes, variam pela forma e pelo lugar que ocupam as pregas. Umas vezes estas pregas descem do pescoço, para dar amplidão ao seio, outras vezes sobem da cintura, em pregas chatas ou fôfias, conforme a elegância da pessoa. Pouco fecho apparente, excepto para o modelo chamado de *alfayate*.

Uma ultima criação da moda parisiense, e muito em moda nesse mes d'abril, é a manga *Valois*, com as suas diversas modificações. No

me atrevo a criticar esta forma, cuja graça é incontestável. Mas confessem que teria sido mais logico adoptar esta ressurreição histórica antes do inverno; porque, para que esta manga tenha carácter, deve ser muito comprida, e cobrir a parte superior da mão, o que é um pouco quente.

A *jaquette* continua gosando das bôas graças; fazem-na simples ou ornamentada, bordada de perolas ou de vidrilhos, ou simplesmente esmaltaida de flores. Faz-se comprida ou curta; a sua nova forma é lisa na frente, deixando ver o corpo do vestido; os fôrros equais às mangas podem ser de seda ou de velludo.

Pequenas *vistes* muito curtas de velludo *foncé*, verde, ameixa ou bronze, com azas de rendas e guarnecidas de vidrilhos, produzem um effeito muito elegante.

Os novos modelos para chapéus redondos são ligeiros, quasi todos de palha arenada ou palha de arroz amolgada, guarnecida de flores. As capotas são ornadas com um modesto ramo de violetas, ou outras pequenas flores, em quanto o sol não faz desabrochar nos jardins e sobre as nossas cabeças outras grinaldas mais brilhantes.

E com a ajuda do meu illustre collaborador artístico, as minhas leitoras de Portugal poderão fazer una ideia perfeita do aspecto das parisienses, durante este mes de abril de 1890, ainda chovoso e friorento, o que tem prejudicado o brilho d'algumas corridas de Longchamps.

MARIE DE CAMORS.

servar levantados os altivos padres da sua história marítima e colonial, que são a um tempo memórias épicas e esperanças risonhas, e que recordando a civilização o que por elle entendemos quando éramos fortes, deviam obrigar-nos hoje a acudir pela nossa fraqueza. Subscrever para a defesa nacional é, pois, agravar perante os contemporâneos e a posteridade da infesta violência da Inglaterra, no menos com a dor e a indignação; e intimarmo-nos a ser no futuro menos incautos e confiantes do que fomos no passado; é dar testemunho da nossa vitalidade moral; e deve ser também facilitar reflexões profundas na administração e na política ultramarina, que não deixam preceito a estrangeiros para considerarem abertos à usurpação os territórios portugueses por não estarem ocupados pelo capital e pelo trabalho. A defesa nacional, em África, tanto reclama fortalezas como oficinas e escolas e missões, tanto soberos de bayonetas como regos de charros, tanto soldados como obreiros, e antes administradores que aprovem as riquezas da terra do que tratámos que lhe protejam os limites; subscrever para essa defesa é pedir aos poderes públicos todos estes prangos e todas estasseguranças, e dizer-lhes que a nação não regateia sacrifícios bem aplicados para que o spântuo da sua fidelidade seja também o campo da laiva da sua opulência.

Mas a subscrição nacional, para corresponder a estes pensamentos e propósitos, precisa de que se concordem as iniciativas que a promovem e auxiliem. Se os obulos do patriotismo houvessem de repartir-se por muitas applicações distintas, arriscar-se-iam a não chegar para uma só. Por outro lado, corrindo por muitos canais os veios da munificência pública, era forçoso abrir-lhes um collector. Para obviar à dispersão de meios e à multiplicidade de fins, um concurso popular, reunido em Lisboa, nomeou uma grande comissão, que depois delegou o seu mandato nos signatários desse appello, cons-

tituído-as em comissão executiva. Não consiste, porém, esse mandato em absorver, subordinar ou sequer dirigir outras iniciativas, que em qualquer parte ou de qualquer modo tenham aberto ou verificado a abrir subscrições para a defesa nacional; a comissão responde-a a todas, desde poder auxiliar-as, e apenas lhes oferecer um conselho comum em que depositam, querendo, as receitas que colheram, como apenas lhes próprio que as quantias que assim se sommaram tenham uma applicação commun, proporcionada à sua importância e suas necessidades intenções dos subscriptores e as necessidades da segurança patria. É impossível escolher desde já essa applicação, porque é também impossível calcular o produzido dos donativos. Mas a missão executiva obriga-se a consultar sobre a escolha a assembleia que a elegou, essa assembleia diligenciant interpretar fielmente os desejos dos subscriptores, que serviu por certo os da nação, e o Estado prometeu já acatar essa escolha, uma vez que se harmonise com as funções, que só no Estado competem.

Assim, a subscrição será nacional desde a sua iniciativa até ao emprego do seu produto. Terá o carácter d'um auxílio, livre e condicionamento oferecido ao governo do país, e não d'um tributo voluntário ou pelo cobravel, para o suspender como receita oficial. A iniciativa particular, em suma, não ha-de ser admitida unicamente a dar; ha-de também gerar, fiscalizar e empregar o que spontaneamente tiver dado.

Tais são as condições com que esta comissão recebeu o seu mandato e os termos em que abre a grande subscrição nacional. Originou-se-ella num movimento generoso dos espíritos, que a consagraram, tem o seu êxito seguro, porque está confiado ao patriotismo português. A comissão não pode esmolhar para lhe obter; anuncia apenas que recebe esmolas para lhe ofertar. Quanto mais numerosos forem os oferentes, mais consolidada e mais impor-

nente será a homenagem dos filhos dolentios à mãe desacatada. Também nas listas dos subscriptores tanto valerá o ouro e cobre tecido o mesmo cunho de devição cívica. O ulteror agitou por igual as faces e revoltou os corações de todos os portugueses; todos devem, pois, lavorar o desforro. Não haja separações de classes, não se reconheçam diferenças de condições, não se admittam divergências de opiniões políticas, n'esta comunhão patriótica.

A bandeira da grande subscrição tem as cores nacionais, sem marca de outras tintas, e a sua haste nunca será brandida como lança em torneios paraleláticos. E deve de honra dos signatários e compromisso da sua lealdade resguardarem a missão que lhes foi incumbido das sugestões e dos impulsos que desacatam o santo amor patrio, que os anima a elles e para que appellam ao anunciarão os seus compatriotas que está aberta a grande subscrição nacional.

Lisboa, 24 de fevereiro (89).

A comissão executiva:

CONSELHO: Dr. S. JUANARIO,
Presidente.

Francisco Manoel da Cunha,
Casino Zéfiro e Pinto Coelho,
Vice-Presidentes.

Marcos da Prada e de Monforte,
Thesoureiro.

Thiopinko Braga, João Cairos
Rodrigues da Costa, Fernando
Caldeira, Edmundo Almeida,
Secretariado.

Daqui: Dr. Palmella, ministro do Poder, Sébastião de Magalhães Lima, Francisco Simões Magalhães, José Gregório da Rosa Araújo, António Augusto Pacheco de Miranda, José Maria Lameiro Coutinho, Barão do Alto Mearim, Angelino de



Printemps NOVIDADES

Envia-se gratis, francamente, o catálogo geral ilustrado, em português e em francês, contendo todas as novidades para a ESTAÇÃO de VERÃO, a qual o pede em carta devidamente francesadas dirigida a

MM. JULES JALOUZOT & C° PARIS

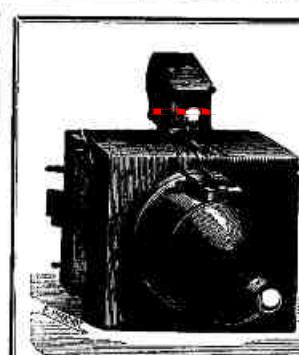
São igualmente enviados francamente amostras de todas as peças que compõe os imponentes assortimentos do Printemps, especificando-se bem os preços.

Expedição para todo o mundo.

Este Catálogo indica as condições para a expedição. Correspondência em todas as línguas.

CASA DE REEXPEDIÇÃO EM LISBOA:

TRAVESSA DE S. NICOLAU 102-A,



Fornecimento gratis para fotografias. Expedição gratuita de peças obtidas com o Photosphère.

COMPAGNIE FRANÇAISE DE PHOTOGRAPHIE PARIS. — 7, rue Solferino. — PARIS

O PHOTOSPHERE

Appareil instantâne breveté S. G. D. G. Este appareil é um formato muito elegante, de uma construção muito cuidada e d'um movimento absolutamente autônomo, permitindo a pessoa a mesma experimental em Photography obter provas que necessitavam ate hoje de cuidados muito minuciosos e muito complexos, e da experiência absoluta do especialista. Permite fixar de relance e d'um modo direitivo as scenes de que se é testemunha, que talvez nunca mais se presenciem, e de que se poderá assim conservar uma recordação fiel e inalterável. Todo construído em metal, praticando o oxydado, o peso d'este appareil é de 350 grammas, chassi comprehendibilis. A sua maior dimensão é de 13 centímetros, e di com a maior nitidez, peças de 8 centímetros sobre g. — Pode-se pôr dizer que é um verdadeiro bijou, destinado a tornar-se, entre os viajantes e os amadores, o tipo por excellência appareil photographico.

Preço do appareil com tres chassis duplos 15 francos.

Mini (viável) 10 francos. — Estojo de couro pôrte para o trazer a viagem 12 francos.

Cada chassis supplementar 10 francos. A dezena de placas 8 x 9 1 francos 75 centimos.

Camara escava metallica brevetée em França e no estrangeiro da forma 11 x 8 e 18 x 24.

Em todos os Perfumistas e Cabeleireiros de França e do Exterior

A VELOUTINE

Pt. d'Artes especial
PREPARADO COM DISMUTH.
Por CH. FAY, Perfumista
8, rue de la Paix, PARIS

CALLIFLORE Flora de Beleza
POD. ADERBÉRIES & INVÉRSES
Grande no novo modo porque as empresas esteja no comércio, e cada vez uma invenção e de um belo perfume, um perfume que recorre a veludo. Além dos brancos da notória paixão, os outros dão quatro outros diferentes: Rosé! ou Rose, desde o mais pallido ate o mais colorido. Pode a pôr, cada pessoa escolher a que mais lhe convinha no resto.

AGNEL, Fabricante de Perfumes em **PARIS**
FÁBRICA & EXPEDIÇÕES: 10, AVENUE DE L'OPERA
E-mail: www.sixcasas.com.br LISBOA — MM. V. da Cunha José da Costa e Rua Nossa Senhora do Carmo, 60-73

EXPOSITION UNIV. 1878

Médaille d'Or Croix de Chevalier

LE PLUS HAUTES RÉCOMPENSES

PERFUMARIA ESPECIAL

LACTEINA E. COUDRAY

Provinda pelas Colônias Melras do Pará PARA TODAS AS NECESSIDADES DE TOUCADAS

PRODUTOS ESPECIAIS

FLOR de LACTEINA para branquear a pele.

SABON de LACTEINA para o banho.

POWDER de LACTEINA para a limpeza dos cabelos.

ÓLEO de LACTEINA para o banho.

ESSENCE de LACTEINA para tocos.

PO e ÁQUA BENEFICIOSOS de LACTEINA.

CREME LACTEINA diamantado sobre a pele.

LACTEINA para branquear a pele.

ENTRES ARTIGOS ACHAM-SE NA FARMÁCIA

PARIS 13, rue de l'Opéra, 13 PARIS

Depósito em todos os Perfumistas e Cabeleireiros da América.

ESMUTINO ALUMINOSO BOILLE

para a cura das feridas, úlceras, gastrite, etc.

GRÂOS BROMHIDRATO & QUININA BOILLE

para a cura das febres, catarro, etc.

